

ENFERMIDADES GASTROINTESTINAIS EM EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIA DA UFPEL ESTUDO RETROSPECTIVO

ALICE CORREA SANTOS¹; PATRICIA SOARES VIEIRA²; KAUAN RIBEIRO DA
SILVA², CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – alice.cs@live.com

² Universidade Federal de Pelotas

³ Universidade Federal de Pelotas – cewn@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

As doenças gastrointestinais em equinos, em especial a síndrome cólica, são uma das principais causas de internação nos hospitais e clínicas de equinos. Em função dos sinais clínicos inespecíficos e da variação individual principalmente do quadro algóico, torna-se muitas vezes difícil classificar o tipo de cólica (WHITE, 2005). Por esta razão o conhecimento sobre a incidência, fatores de risco e taxa de mortalidade são importantes para auxílio ao diagnóstico e tomada de decisões pelo médico veterinário.

A incidência específica das doenças gastrointestinais em hospitais veterinários não é conhecida, pois além da variação de fatores de risco regionais, está diretamente relacionada com o tempo entre o aparecimento dos sinais e o encaminhamento ao centro de referência, que tende a modificar o quadro clínico (WHITE, 2005 e 2006).

Desde 1999, se discute formas de abordagem e tratamento, fatores de risco ambientais e de manejo alimentar no intuito de estabelecer medidas que possam prevenir ou diminuir a ocorrência dessas enfermidades gastrointestinais (COHEN, 1999).

O objetivo do presente estudo é quantificar a incidência e a taxa de mortalidade de enfermidades gastrointestinais em equinos no período de Janeiro de 2012 a Setembro de 2013 no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Foi realizado estudo retrospectivo dos casos de enfermidades gastrointestinais em equinos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPEL) no período de Janeiro de 2012 a Setembro de 2013. Buscou-se identificar as doenças gastrointestinais e caracterizar os tipos de alterações na síndrome cólica, bem como especificar a taxa de mortalidade do grupo estudado.

3. RESULTADOS

Totalizaram 32 atendimentos, sendo 25 casos (78%) de síndrome cólica, 06 casos (19%) de enterite e 01 caso (3%) de peritonite. Dentre os casos de síndrome cólica atendidos nos HCV-UFPEL, a maior incidência foi de impactações de intestino grosso (28%), seguido de obstrução intraluminal por enterólito (20%), torção de cólon maior (16%), cólica obstrutiva por corpo estranho (12%), cólica gasosa primária (12%), cólica espasmódica (8%) e cólica obstrutiva parasitária (4%).

A taxa de mortalidade de animais com alterações gastrointestinais durante esse período foi de 21%, sendo que dessa taxa 86% foram casos de cólicas obstrutivas.

Utilizou-se para determinar os tipos de cólicas o embasamento teórico citado por REED et al (2004), que classifica “cólica espasmódica” como uma disfunção funcional da parede intestinal, levando a espasmos musculares, aumento do peristaltismo e consequente dor abdominal. A “torção de cólon maior” é uma obstrução estrangulante do intestino grosso que compromete a condição vascular e/ou arterial, podendo ser secundária ao acúmulo de gás ou ingesta no lúmen intestinal. A “impactação primária de intestino grosso” é o acúmulo de digesta no lúmen intestinal em razão da diminuição do peristaltismo, que ainda tem patogenia incerta. A “obstrução intraluminal por enterólito” e a “obstrução intraluminal por corpo estranho” são consideradas barreiras físicas de materiais indigeríveis, causando impactação secundária pela ingesta e distensão intestinal. “Cólica obstrutiva parasitária” também é uma obstrução intraluminal, causada por uma grande carga parasitária, principalmente de ascarídeos. A “cólica gasosa primária” ou timpanismo de intestino grosso é causada pelo rápido acúmulo de gás intraluminal, podendo ser causado pela diminuição do peristaltismo ou rápida taxa de fermentação da ingesta.

4. DISCUSSÃO

As lesões associadas à cólica podem ser categorizadas em obstrução, estrangulamento, infarto não estrangulante, enterite, peritonite, ulceração e íleo adinâmico (VERVUERT & COENEN, 2004).

A maior incidência de cólicas atendidas no HCV-UFPel foram as impactações de intestino grosso (28%). Segundo MOORE (2005) as cólicas obstrutivas primárias representam cerca de 20% de incidência em animais enviados a centros de referencia. A patogenia desse tipo de cólica ainda é desconhecida, mas alguns fatores ambientais e de manejo como a diminuição na ingesta de água, restrição de exercício em longos períodos e animais apresentando problemas de dentição são considerados fatores desencadeadores. Por estas razões o período de inverno no Rio Grande do Sul requer maiores cuidados em relação á hidratação dos animais, pois demonstra-se um momento crítico tanto para animais manejados a campo como em baias.

Os enterólitos são formações petrificadas no intestino de animais na maioria das vezes mantidos em regime intensivo ou semi-intensivo. Na avaliação dos dados do HCV UFPel foi observado um índice de 20% de enterolitiase, que é uma incidência relativamente alta. São vários os fatores relacionados à formação de enterólitos, dentre eles o pH colônico alcalino, que não permitiria a digestão de determinados minerais, levando ao acúmulo gradativo ao redor da matriz. Acredita-se também que o feno de alfafa apresente grande quantidade de proteínas, que ao serem metabolizadas pelas bactérias colônicas elevariam também o pH colônico. Animais ociosos podem apresentar motilidade reduzida, pois o exercício de certa forma também estimula o peristaltismo, por esta razão animais que passam mais de 50% do dia restritos também são predispostos (PIERCE, 2009).

A obstrução intraluminal por corpo estranho é causada por erro de manejo ao dar condições ambientais de o animal engolir acidentalmente objetos. Tem incidência bastante baixa nos grandes centros de referência (PIERCE, 2009), porém é bastante comum em locais que se trabalhe com animais de tração (carroceiros), tendo incidência de 12% do total de animais atendidos no HCV neste período. Neste caso o trabalho preventivo mais eficaz é a conscientização dos proprietários acerca das consequências e riscos dessa prática.

Segundo REED et al (2004), cólica gasosa geralmente é uma consequência de distúrbios obstrutivos. Já a cólica gasosa primária ocorre em casos de diminuição do peristaltismo associado à dieta rica em carboidratos, levando a fermentação acentuada e dificuldade de eliminação gasosa, podendo também ser relacionada com o sedentarismo aliado à dieta a base de concentrados. A forma primária apresentou baixa incidência no HCV (12%) por ser resolvida geralmente com tratamento a campo, sendo encaminhada apenas eventualmente a centros de referência.

A torção de cólon maior teve incidência de 16%, e ocorre quando a alça intestinal gira sobre seu próprio eixo, podendo chegar em até 360°, caracterizando um quadro agudo de cólica com dor acentuada e comprometimento hemodinâmico. O maior grupo de risco são as éguas prenhes ou recém paridas, e como ocorre mecanicamente, não se tem estratégia preventiva (MAIR, 2002).

A cólica espasmódica não tem causa estabelecida, mas consiste em espasmos na musculatura da parede intestinal, causando assim um quadro de dor discreta (MAIR, 2002). Acredita-se que casos de cólica espasmódica e cólica gasosa apresentem baixa incidência no HCV-UFPEL (8%) por geralmente serem resolvidos primariamente por veterinários a campo.

Cólica obstrutiva parasitária geralmente acomete animais jovens dos 4 aos 24 meses, sendo os ascarídeos os parasitas mais encontrados. Animais sem acompanhamento com antiparasitários são predispostos a esse tipo de enfermidade gastrointestinal e a prevenção mais efetiva é manter o controle com antihelmínticos (MAIR, 2002). Acredita-se que a baixíssima incidência apresentada no HCV (4%) seja em razão dos cuidados que se tem hoje com controle parasitário nos criatórios de equinos, diminuindo as chances de grandes infestações.

5. CONCLUSÕES

As impactações de intestino grosso geralmente são as mais incidentes por muitas vezes ocorrer demora em encaminhar o animal ao centro de referência, sendo o tempo decorrido um fator agravante para a compactação da digesta. Além disso, muitas vezes estão relacionadas a outro tipo de obstrução. As cólicas espasmódicas e cólicas gasosas geralmente apresentam baixa incidência por resolverem-se com tratamento clínico a campo. Dentre os casos de cólica atendidos no HCV-UFPEL, destaca-se o grande número de cólicas obstrutivas por enterólitos e por corpo estranho, superiores ao que cita a literatura. Acredita-se que existam fatores de risco ambientais relacionados ao manejo utilizado principalmente na região Sul do Brasil, bem como alguma predisposição racial para desenvolvimento de enterólitos na raça Crioula, e estudos voltados para essa hipótese já estão sendo desenvolvidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COHEN, N. et al. Dietary and Other Management Factors Associated with Equine Colic. In: **PROCEEDINGS OF THE ANNUAL CONVENTION OF THE AMERICAN ASSOCIATION OF EQUINE PRACTITIONERS**. Texas, 1999.
2. MAIR, T., DIVERS, T. & DUCHARME, N. **Manual of equine gastroenterology**. London: WB Saunders, 2002.

3. MOORE, R. M. Treatment of luminal obstructions of the large and small colon in horses. In: **PROCEEDINGS OF THE ANNUAL CONVENTION OF THE AMERICAN ASSOCIATION OF EQUINE PRACTITIONERS**. Seattle, 2005.
4. PIERCE, R. P. Enteroliths and Other Foreign Bodies. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**. Philadelphia, v. 25, p. 329-340, 2009.
5. REED, S. M.; BAYLY, W. M. & SELLON, D. C. **Equine Internal Medicine**. Missouri: Saunders, 2004.
6. VERVUERT, I. & COENEN, M. Nutritional management in horses: selected aspects to gastrointestinal disturbances and geriatric horses. In: **PROCEEDINGS OF THE 2ND EUROPEAN EQUINE NUTRITION & HEALTH CONGRESS**. Lelystad, 2004.
7. WHITE, N.A. Prevalence, demographics and risk factors for colic. In: **PROCEEDINGS OF AMERICAN ASSOCIATION OF EQUINE PRACTITIONERS – FOCUS MEETING**. Quebec, 2005.
8. WHITE, N.A. Prognosis and strategies to prevent colic. In: **PROCEEDINGS OF THE ANNUAL CONVENTION OF THE AMERICAN ASSOCIATION OF EQUINE PRACTITIONERS**. Texas, 2006.